

V. L. 10

CITADE *

PRIMAVERA 2001 - 2006

ÍNDICE



QUEM É DE V-LUDO?

Coordenação Editorial_ Marta Lança
Coordenação Gráfica e Paginação_ Cláudia Oliveira

Colaboradores_ Frederico Ágoas, Diogo Bento, Sérgio Dias Branco, Andreia Brites, João Sousa Cardoso, Ricardo Cardoso, Nuno Cintrão, Luís Ene, Rita Faria, Gonçalo Furtado, Ricardo Gomes, Lorenzo del'Innocenti, António Júnior, Karas, Sérgio Lavos, Daniel Lima, Pedro Sena Lino, Filipe Lizardo, António José Lopes, Fernando Mendes, Dina Mendonça, Nuno Moura, Rui Murka, Mário Nascimento, José Neves, José Maria Oliveira, Elisabete Paiva, José Luís Peixoto, Sílvia Pereira, Alberto Pimenta, Jeronimo Pizarro, António Preto, Luís Salvaterra, Hugo Santos, Américo Sargaço, Hugo Silva, José Mário Silva, Maria João Soromenho, José Pedro Sousa, Inês Bustorff Vargas, Miguel Clara Vasconcelos, Manuel João Vieira, Sandrine Vieira, Rui Zink.

Agradecimentos_ Ideias Frescas, Isabel Antunes, Miguel Duarte, Luís Monteiro, Tiago.

- 3_ Editorial
- 4_ Anatomia de um Viajante
- 6_ O mais lindo soneto do mundo
- 8_ Ilustração
- 9_ Lisboa-Zagreb
- 10_ Um desabafo segundo a geografia afectiva
- 12_ De passagem
- 13_ A Lisboa que sou
- 15_ Descrição da montra numa loja da aldeia da Mouraria em Lisboa e descrição da montra numa loja do Rossio na cidade de Lisboa
- 16_ Lugar limite
- 18_ Pequenas histórias de proveito e exemplo
- 20_ Esboço Primeiro
- 21_ Graffiti
- 22_ Nevoeiro sobre Lisboa / Nudez
- 23_ Clube Português de Pólo Aquático
- 24_ MURDER ART
- 25_ A aldeia dos macacos pequenitos
- 26_ Linha amarela / Esquina
- 27_ Café
- 28_ A cidade dos imortais
- 30_ LISBOA - o ópio embeleza: a partir de "Lisboa que amanhece" e "Canção de Lisboa"
- 32_ Jericó / En direccion a la ciudad
- 33_ Ortodoxgrado
- 38_ Largo de S. Francisco - Loulé
- 40_ Guia do Jovem Político
- 42_ A penúltima obra de arte
- 45_ Edifícios de palavras
- 48_ Cidade
- 49_ O Funcionário Público
- 50_ Periferia, multiculturalismo e outros lugares por inventar
- 54_ Não-lugares da contemporaneidade
- 56_ Da cidadania perigosa à esquizofrenia na arena -
ninfomaniaca em tratamento procura macho para
relacionamento sério ou a trágica história do pito carnívoro
- 60_ Excesso de V-Lu...cidade
- 61_ Metrópolis - a cidade em revista
- 62_ O Grito
- 63_ Felizes da Fé
- 66_ Mesa Cópula
- 68_ Projecto
- 72_ banda desenhada
- 74_ Três devaneios na cidade

PROJECTO

Gonçalo FURTADO e José Pedro SOUSA
do MUTE*

Este texto pretende afrontar um conjunto preciso de
conceitos: projecto/abstração/urbanidade.
Esta experimentação projectual materializou-se
simultaneamente na fotomontagem que apresentamos.

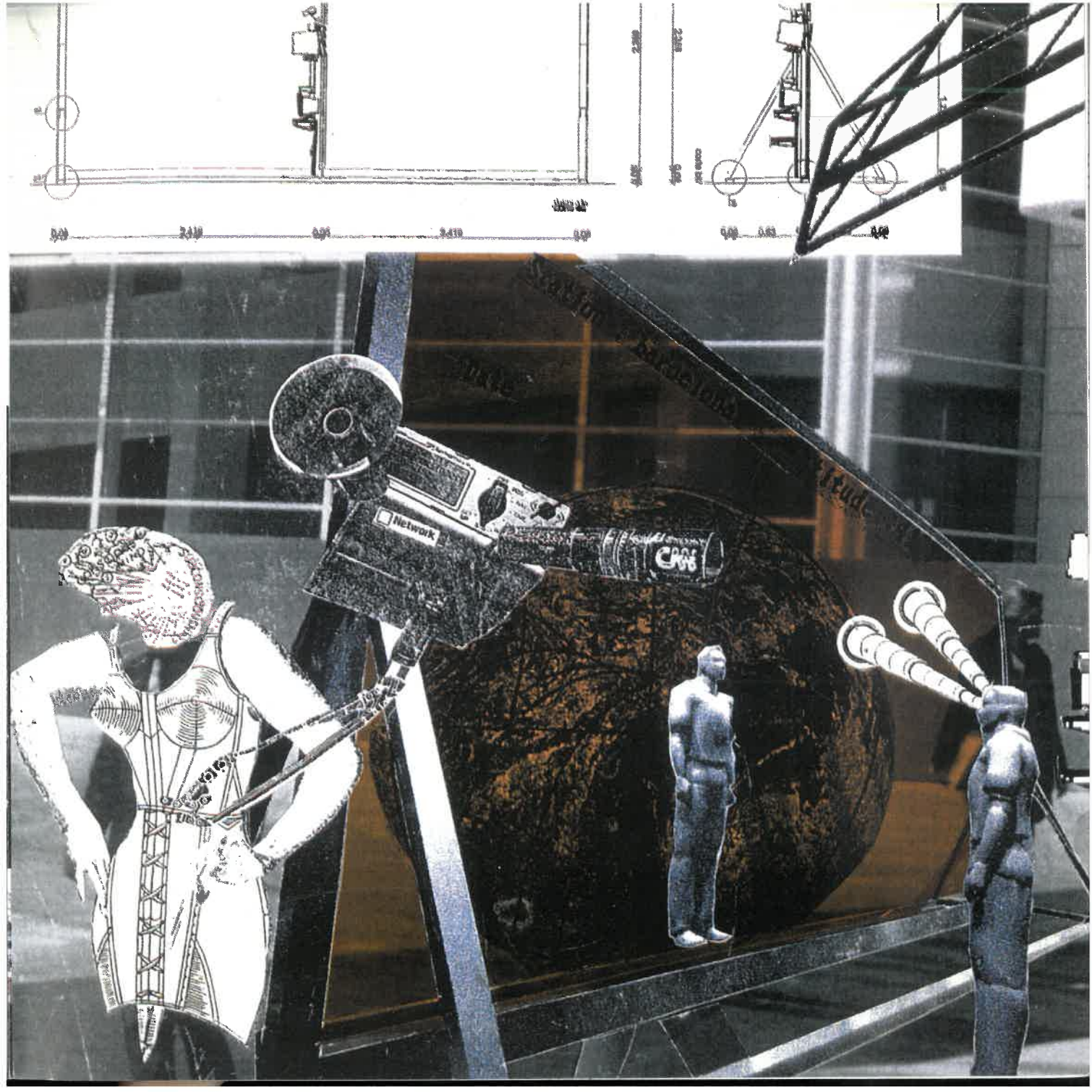
Arquitectura aparece no dicionário redutoramente definida como "arte de edificar", correspondendo de sobremaneira à ideia popularizada. Interessa no entanto salientar que para alguns o seu aparecimento esteve mais ligada ao aparecimento da "comunicação" do que ao mito da cabana primitiva.¹

O prefixo "pro" de "projecto" - núcleo da praxis arquitectónica, remete directamente para uma projecção pessoal e uma antecipação.² Imagem-ideia (mental ou figurada) que ambiciona ser objecto e que, independentemente da sua edificação, pode contribuir para uma reconfiguração dos modos de ver e conceber arquitectura.³

A criatividade em arquitectura está pois ligada antes de mais aos problemas da construção do signo, do símbolo e dos seus valores.

Nas palavras de Herzog, o projecto constitui-se como um mundo imaginário e a arquitectura concreta como uma expressão tangível de valores imateriais.⁴ E, como bem acentua Zampi, o edifício é apenas uma versão de uma ideia de arquitectura, "o papel da arquitectura segue por debaixo da construção: isto é criar visões de futuros modos de viver (...)".⁵

O Projecto é uma projecção que antecipa os conteúdos e valores fundamentais, que estarão incorporados na integralidade futura do objecto arquitectónico e a construção surge como a representação dos conteúdos da poética do projecto.



O exercício que a fotomontagem ilustra, teve por objectivo criar um lugar e constituir ideias formo-artísticas, usando um mecanismo de abstracção. Sobre o mecanismo de abstracção em arquitectura podemos afirmar que, se o Projecto exprime uma relação com a realidade, que é resolvida por premissas incorpóreas e de carácter significativo (de origem espiritual e cultural), a arquitectura resulta de uma abstracção no domínio da ideia que se imporá sobre o contexto imediato.

A abstracção foi um impulso que acompanhou a cultura ocidental deste século. Desde as abstracções cubistas onde ainda é possível a leitura do objecto original (Picasso, Gris, etc), as abordagens complexas de Mondrian e Kandinsky, até as posturas actuais, de relativamente fechadas e sem legibilidade universal.

Este progressivo afastamento do figurativo significa também na arquitectura a evolução em direcção do conceito e por vezes a afirmação da ideia como licenciadora de todo o processo.

O "informalismo" (abstracto e geralmente não-objectual) não é pois uma corrente, mas uma crise que afecta a cultura figurativa e o seu futuro desenvolvimento histórico. (Encerrado um período em que a arte se empenhou na problemática social e política, o problema reside agora na própria possibilidade de sobrevivência da arte, perante o quadro de uma sociedade de consumo e cultura de massas).

Vários movimentos procuram preconizar a superação, com individualização de elementos formais básicos que recebem significado enquanto ordenadores inseridos num contexto. Podemos traçar grandes proximidades entre a minimal, conceptual, land art e a evocação formal da arquitectura contemporânea: narrações fragmentadas, redução formal e o tempo-movimento como fonte de projecto.

A proposta arquitectónica apresentada, apesar de independente-pre-existente ao espaço em que é implantada, define-se a partir desse momento. Procede a narrações fragmentadas e ambiciona o movimento-transitoriedade.

A posição dominante da cultura visual contemporânea e condição do sujeito, enquanto observador⁶ que se confunde hoje com o quadro de representações, põe-se também em relevo neste projecto.

Mas, o debate central esteve centrado na condição da cidade e da experiencia urbana contemporânea.

Na nova realidade, surgida com a erupção da globalização, a internacionalização económica e os progressos tecnológicos e uma diversidade de fenómenos urbanos, estabelecem-se novas formas, dinâmicas e pressupostos de relacionamentos urbano territoriais baseados na mobilidade e nos fluxos.

Como refere Álvaro Domingos "A cidade compacta de limites precisos, estilha-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados."⁷

Isso justifica o recurso das abordagens recentes a um conceito mais complexo de cidade - "metapólis", sem limite preciso nem centro.⁸

Essa perda de sentido na distinção centro-periferia e dos seus limites, é bem expressa na passagem As cidades contínuas 5, de Calvino⁹

"Se oculta em qualquer bolsa ou ruga deste trasbordante circundário existe uma Penteseleia é só a periferia de si própria e tem o seu centro em toda a parte, já renunciaste a compreendê-lo. A pergunta que agora começa a roer-te a mente é mais angustiante: fora de Penteseleia existe um fora? Ou por mais que te afastares da cidade, te limitas a passar de um limbo a outro e nunca mais conseguirás sair?"

Numerosas teorias procuram também descrever os fenómenos, dar conta da complexidade e superar a crise conceptual da cidade actual. A cidade contemporânea, segundo Solá-Morales, é, na sua nova condição, múltipla, descentrada e fragmentada..Composta pelo relacionamento instável de varias categorias-sistemas (sócio-económico, artístico cultural, e físico-arquitectónico) solidificados num "precipitado" pela arquitectura. Bru afirma que a realidade contemporânea é diversificada e inapreensível frente à qual qualquer leitura "só pode dar (...) conta de fragmentos para assentar, provisionalmente, interpretações (...)".¹⁰

Como referimos a complexidade actual do urbano é afrontada por múltiplas abordagens transdisciplinares que procuram definir a sua especificidade. Qualquer discurso sobre a cidade abandonou uma ideia de ordem em benefício de uma ideia orgânica e por vezes caótica, que acentua o fluxo e a diversidade.

O projecto apresentado pretende responder a uma ideia complexa de cidade, não limitada, e visa servir um sujeito deslocado, expressando a sua condição pós-moderna.

Uma estrutura móvel enquadra uma superfície que emite fragmentos da mente do usuário e simultaneamente serve como interface com outros momentos-lugares, virtuais e reais, estabelecendo uma nova cartografia personalizada - um novo mapa da cidade.

* "Mute - Arquitectura Alternativa" - grupo transdisciplinar de intervenção urbana e arquitectónica que pretende despoletar alguns dos debates centrais do pensamento contemporâneo"

Porto

1 Ignasi Solá-Morales no prefácio a *Arquitectura de la indeterminacion*, Yago Conde, Actar, 2000

2 George Teyssot, *Dialogues with Diller and Scofidio* em *Ottagono 96*

3 Esta potencialidade no que se refere às representações digitais, é referida no ensaio "Desenhar com Bits", Fernando Lisboa, FAUP, 1998. Sugerimos igualmente o ensaio "Conceitos Gerais", Fernando Lisboa, FAUP, 1999.

4 Herzog, The virtual house"

5 *Virtual Architecture*, Conway Lloyd Morgan e Giuliano Zampi, B:T:Batsford Ltd, 1995, p.154

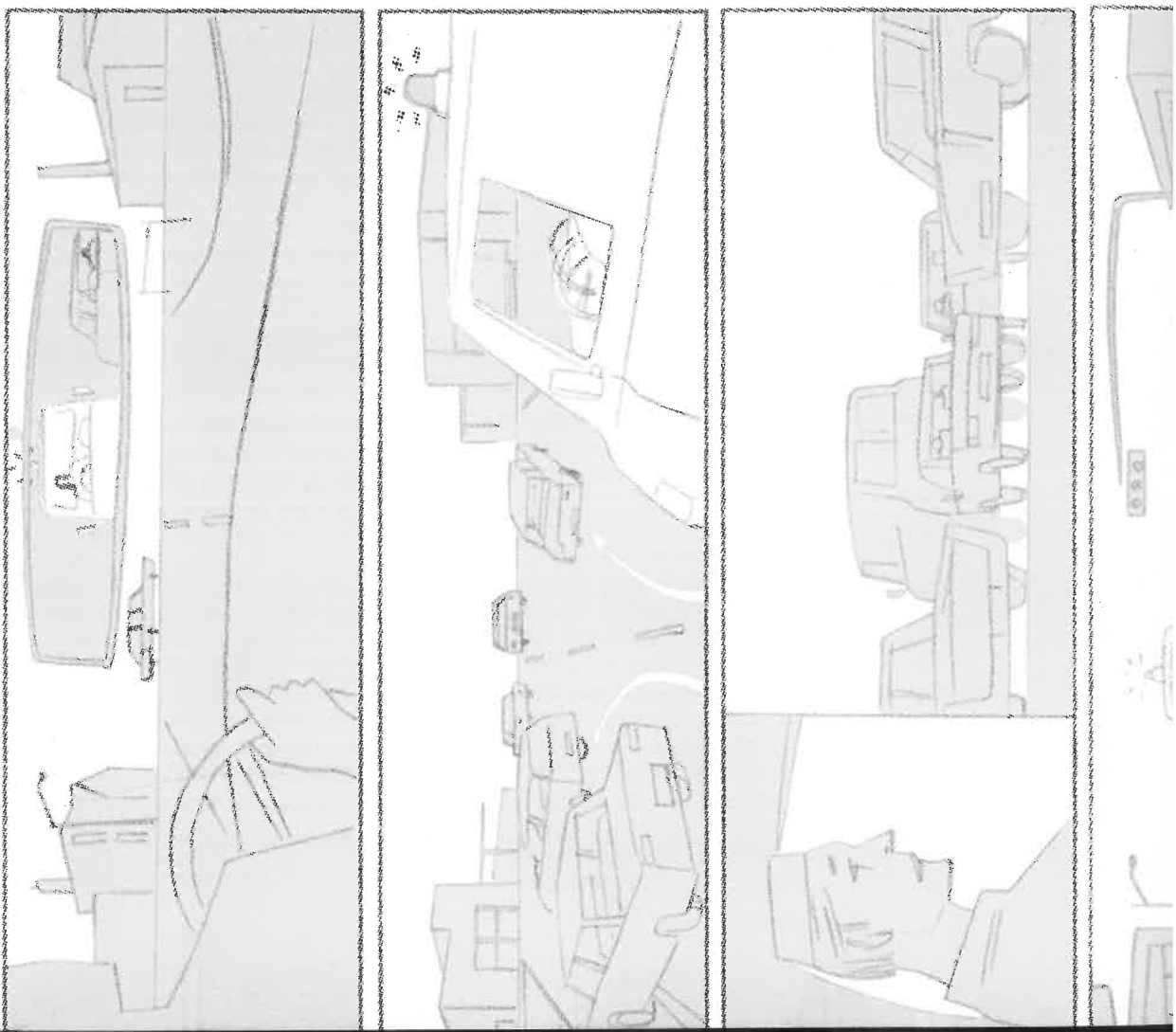
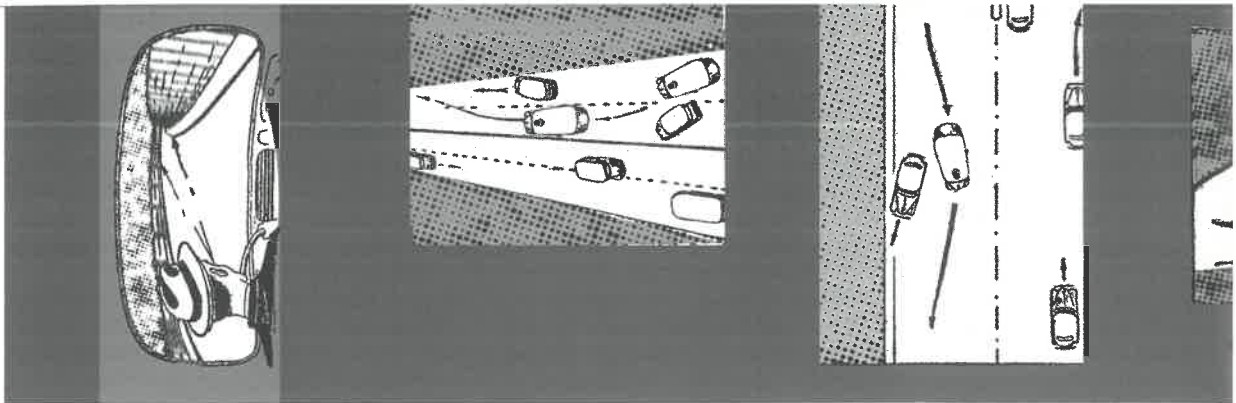
6 Veja-se *Techniques of the Observer*, Jonathan Crary, MIT, concretamente o prefácio onde Crary identifica que a condição do observador analisado, se encontra posta em causa actualmente.

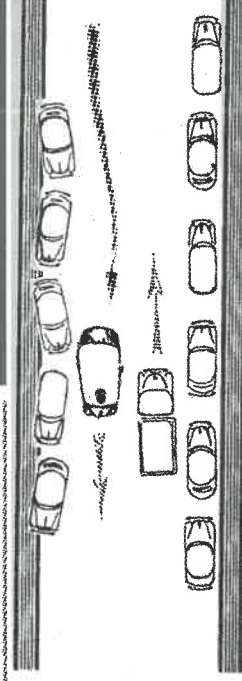
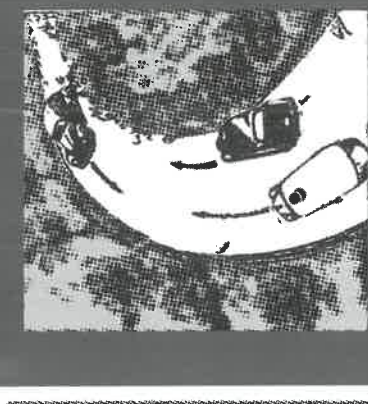
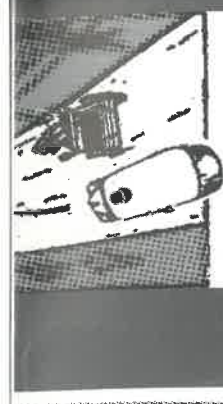
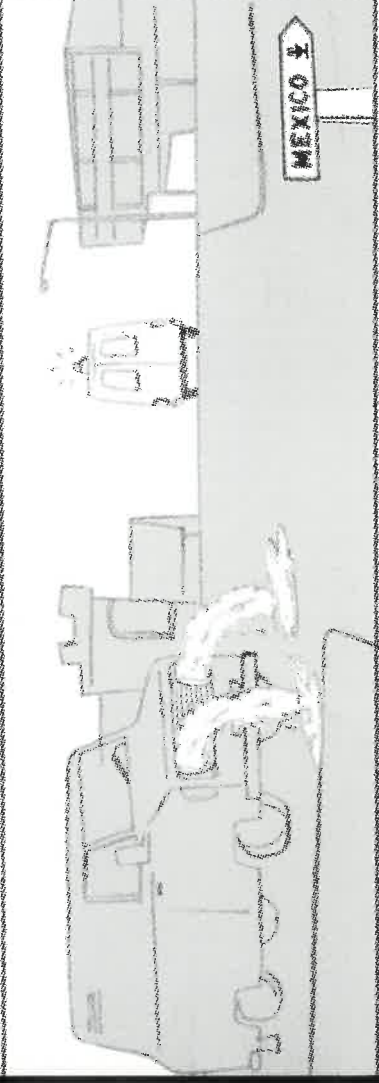
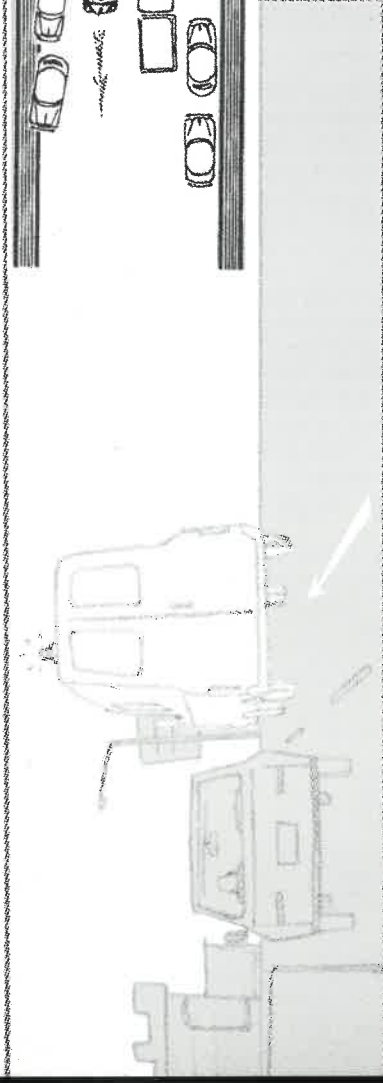
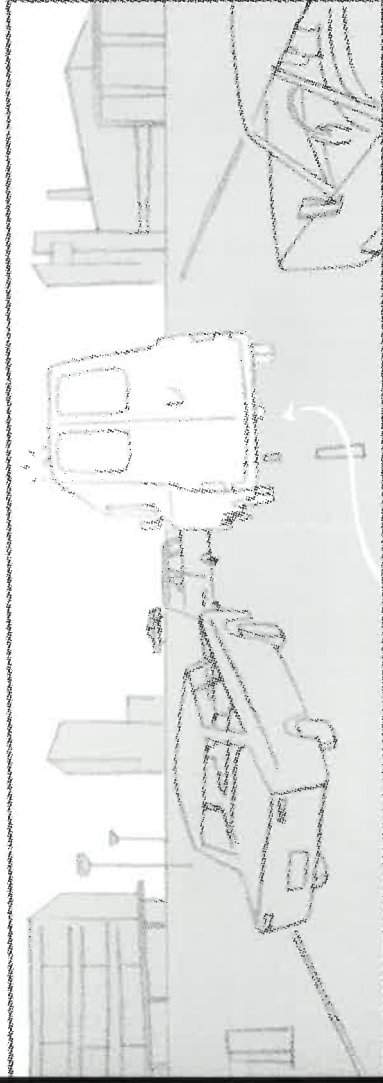
7 (Sub)urbios e (Sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?, Álvaro Domingues em *Geografia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. X/XI, 1984/1985

8 *Metapolis* reporta para o termo utilizado por François Ascher em *Metapólis ou l'avenir des villes*, Editions odille jacob, Paris, 1996

9 *As cidades invisíveis*, Italo Calvino, 199, p.159

10 Eduardo Bru em *Nuevos paisagens*, ACTAR, p.9





do mesmo autor gigi i gigi